

Vencedora do prêmio Jabuti 2024 na categoria “saúde e bem-estar”, ***O Sentido da Vida***, obra póstuma de Contardo Calligaris, um dos maiores pensadores do Brasil, é um livro para aqueles que se atentam, se arriscam e se aventuram verdadeiramente pela vida. Entregue pelo autor poucos dias antes de sua morte, reúne três textos breves e muito potentes sobre a obrigação da felicidade, o “morrer bem” e o sentido da vida. Com uma linguagem única, Calligaris transita entre memórias de infância, experiências clínicas e observações sobre arte, história e a Bíblia para abordar temas tão particulares quanto universais. Psicanalista, ensaísta e escritor, Contardo Calligaris nasceu na Itália, mas se radicou no Brasil. Autor de inúmeros livros, enveredou para a televisão e se tornou o roteirista e diretor-geral da série *Psi*, do canal HBO. A série conta as histórias do psicanalista Carlos Antonini, dentro e fora do consultório. Falecido em 2021, deixou um extenso legado literário, entre eles, ***Cartas a um jovem terapeuta***, lançado pela Editora Planeta. A obra póstuma e inédita conta ainda com o prefácio do único filho do autor, o cineasta Max Calligaris.



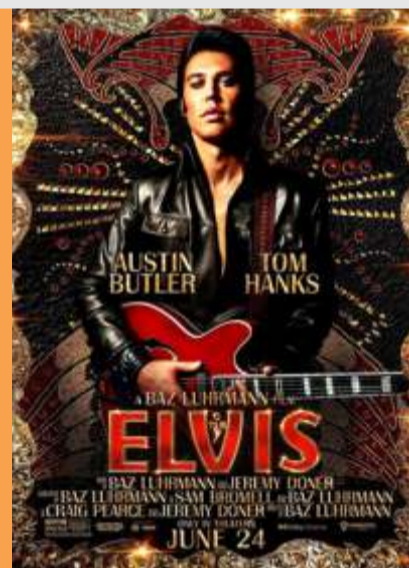
O Centro Cultural da Justiça Federal – CCJF – abriu a exposição ***Horizonte Cerrado — Viver no Centro do Mapa***. Com curadoria de Marília Panitz, a mostra apresenta, em 140 obras de mais de 40 artistas, um panorama da poesia do Cerrado. Oriundos da coleção de Sérgio Carvalho, os trabalhos afirmam o potencial artístico das paisagens que fazem parte do bioma do Cerrado brasileiro, de artistas da região Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal) e regiões limítrofes de Minas Gerais e da Bahia. São obras das últimas décadas do século XX e das duas primeiras deste século, que mostram como o Cerrado, enquanto espaço físico e simbólico, influencia os que o habitam.

Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Avenida Rio Branco, 241, Centro. Grátis até 23 de março, de terça a domingo, das 11h às 19h, nas galerias do 2º andar do CCJF.

Paisagens Instáveis, de Elder Rocha, presente na exposição.



O filme ***Elvis***, de 2022, é uma coprodução estadunidense/australiana, do gênero biografia, drama e musical, com direção de Baz Luhrmann e roteiro de Baz Luhrmann, Sam Bromell, Craig Pearce e Jeremy Doner. Estrelado por Austin Butler e Tom Hanks, o filme explora a vida e a música de Elvis Presley (Austin Butler) sob o prisma da complicada relação com o seu enigmático e controverso agente, Colonel Tom Parker (Tom Hanks). A história mergulha na complexa dinâmica entre Presley e Parker ao longo de 20 anos, desde o início da carreira de Presley até o seu estrelato sem precedentes, contrastando com as mudanças culturais e a perda da inocência da América. No centro desta jornada está uma das pessoas mais importantes da vida de Elvis, Priscilla Presley (Olivia DeJonge). O filme obteve 7 indicações para o Oscar, mas não ganhou nenhuma, no entanto venceu o Globo de Ouro de Melhor Filme Dramático, de Melhor Ator em Filme Dramático e de Melhor Diretor. Um espetáculo de tirar o fôlego, com lindos cenários, figurinos maravilhosos e performances fantásticas das melhores músicas do rei do rock. Sua ex-esposa, Priscilla Presley, elogiou a produção e descreveu o filme como "uma jornada emocional". Disponível no Prime Vídeo.



Voz & Sábias?

Você sabia que somente no século XIX uma mulher publicou um texto no Brasil? Foi ***Dionísia Gonçalves Pinto***, nascida em 1810 no município de Papari, RN. Educadora, escritora e poetisa brasileira, Nísia foi abolicionista, republicana e feminista e influenciou a prática educacional brasileira, rompendo limites do lugar social destinado à mulher. Escreveu obras sobre a condição feminina, foi pioneira do feminismo no Brasil e ainda combatia as injustiças contra negros e índios. Em 1831, no início da imprensa brasileira, publica, pela primeira vez, em um jornal pernambucano chamado ***Espelho das Brasileiras***, uma série de artigos sobre a condição feminina. Em 1832, faz a publicação de seu primeiro livro, ***Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens***, com o pseudônimo de ***Nísia Floresta Brasileira Augusta***, escolhido porque Floresta era o nome da fazenda onde nasceu; Brasileira, pelo orgulho de seu país; e Augusta, em homenagem ao seu segundo companheiro e grande amor. Em 1831, no Rio de Janeiro, funda o Colégio Augusto, muito criticado por fugir do padrão educacional dedicado às mulheres da época. Funcionou na capital por 17 anos. Em seu livro ***Opúsculo Humanitário***, de 1853, a educadora trata do fracasso geral do padrão de ensino e denuncia escolas da Corte regidas por estrangeiros que seriam despreparados para a função de orientadores ou professores. Estabeleceu residência definitiva no interior da França, onde publicou, em 1878, seu último trabalho, ***Fragments d'un Ouvrage Inédit: Notes Biographiques***. Morreu na cidade francesa de Ruão em 24 de abril de 1885, aos 74 anos. Em 1948, o município de Papari passa a se chamar Nísia Floresta, recebendo, em 1954, seus restos mortais.

Túmulo de Nísia Floresta na cidade de Nísia Floresta, Rio Grande do Norte.

